

# **Em busca de milagres: promessas e ex-votos às Almas da Batalha do Jenipapo**

Márcio Douglas de Carvalho e Silva  
Mestrando em Antropologia pela  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
federalconectadonomarcio@hotmail.com

### **Resumo**

O presente artigo tem como foco de análise a devoção popular às Almas da Batalha do Jenipapo em Campo Maior-PI. Por serem pessoas mortas em uma luta sangrenta, às suas almas são atribuídos milagres de diversas especialidades, fazendo com que muitos fiéis recorram a sua intercessão. A concretização dessas promessas é percebida nos ex-votos encontrados no Cruzeiro do Cemitério do Monumento do Jenipapo. A pesquisa buscou entender como se estabelece a relação de troca entre devotos e almas, e perceber como essas almas milagrosas permanecem vivas na memória dos fiéis campomaiorenses até a atualidade. A metodologia adotada foi a etnografia, além da realização de entrevistas com devotos e a análise de iconografias dos ex-votos.

**Palavras-Chave:** Ex-votos; Religiosidade Popular; Milagres; Batalha do Jenipapo.

### **Abstract**

This article is focused on the analysis of popular devotion to the souls of the Battle of Jenipapo in Campo Maior-PI. Because they are people who died in a bloody struggle, their souls are miracles attributed to various specialties, causing many faithful recourse to their intercession. The realization of these promises is perceived in ex-votos found in Cruzeiro do Jenipapo Cemetery Monument. The research sought to understand how to establish the exchange ratio between devotees and souls, and see how these miraculous souls remain alive in the memory of pious campomaiorenses to the present. The methodology adopted was ethnography, as well as interviews with devotees and the iconography analysis of ex-votos.

**Keywords:** Ex-votos; Popular religiosity; Miracles; Battle of Jenipapo.

## Introdução

A realização de promessas em momentos de necessidade extrema é prática comum na religiosidade popular brasileira. Esses pedidos a seres divinos vão desde a cura de doenças à solução de problemas financeiros. Independentemente da necessidade do devoto, geralmente é invocada uma divindade que nos casos mais comuns são santos da Igreja Católica, possuidores em sua maioria de uma especialidade de cura ou de resolução de problemas atribuídos pelos devotos. Em alguns casos, almas<sup>1</sup> de pessoas que morreram de forma piedosa ganham a atenção dos fiéis e são consideradas milagrosas. Jesus Cristo é um exemplo; sendo detentor de uma morte agonizante, passou a ser visto como modelo a ser seguido pela humanidade.

No contexto religioso popular, todos esses exemplos são levados em consideração. A fé é o que leva pessoas das mais diferentes classes sociais a procurarem protetores específicos para resolverem seus problemas. No Piauí, vários são os exemplos de devoção a algumas almas, como: Motorista Gregório (Teresina), Finada Noiva Alda (Barras), Finada Consolação (Piripiri), Santinha da Eucaristia (Campo Maior), entre muitos outros.

Tendo em vista esse aspecto, a análise proposta por esse trabalho tem como objetivo principal verificar os arquétipos de demonstração de fé e devoção (ex-votos) que são depositados no Batalhão às Almas da Batalha do Jenipapo pelos fiéis que acreditam no seu poder de operar milagres.

Presente na memória do campomaiorenses, a história deixada por essas almas se aparelham à vida de muitas pessoas simples, que lutam por seus sonhos e pela sobrevivência, havendo uma identificação nas suas narrativas cotidianas que tornam esses personagens em pessoas virtuosas, heroicas, seres que lutaram contra um exército armado quase sem recursos de guerra, mas com esperança. Transformados em executores de uma saga, no imaginário coletivo popular passam a figurar como indivíduos dignos de uma recompensa divina.

A partir da memória coletiva (Halbwachs, 2003) é possível percebermos as marcas da vivência religiosa e os laços estabelecidos entre divindade/sujeitos, revelando assim a experiência dinâmica da vida social desses devotos. Referindo-se aos quadros sociais que compõem a memória, Halbwachs (2003), afirma que mesmo sendo aparentemente individual, a memória está associada a um grupo. Dessa forma, o sujeito

possui a lembrança, mas está sempre em interação com a sociedade, pois “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos” (Halbwachs, 2003: 30).

Para o autor, a memória individual está contida nos diversos contextos em que o indivíduo está inserido, com a participação de outros agentes, sendo a memória individual associada à memória do grupo, passando assim a ser coletiva. Desse modo, a memória é uma associação de memórias das quais o sujeito sofre influência, sendo “cada memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 2003: 69).

A partir dessas considerações é possível afirmar que a sociedade, seja no passado ou no presente, consubstancia suas memórias em um determinado espaço e tempo, sendo possível um trabalho de reconhecimento, identificação e reconstrução do passado vivido pelo grupo a partir de suas lembranças e da tradição oral que permite promover a articulação entre o ontem e o hoje.

Nesse contexto, a concretização dessa relação de fé/promessa (devoto) e milagre (almas) tem como destaque a produção e depósito de ex-votos no cemitério das Almas do Jenipapo, localizado a aproximadamente 07 km da sede da cidade de Campo Maior<sup>2</sup>. Nesse local se encontram, além do cemitério, o Monumento aos Heróis da Batalha do Jenipapo<sup>3</sup> e o Museu do Couro, vistos como elementos de preservação da memória desse acontecimento.

Os ex-votos podem ser percebidos como retratos tangíveis da vivência religiosa dos devotos de todas as regiões do país. No Brasil, desde a era colonial os mesmos já eram confeccionados e até hoje estão presentes nas práticas religiosas dos devotos, manifestando-se como pinturas, esculturas (geralmente de madeira), fotografias, cartas, cadernos e até objetos pessoais.

Diante dessa pluralidade de modelos e demonstração de agradecimento, buscamos analisar a devoção às Almas do Batalhão (como o monumento é popularmente conhecido), percebendo como esses devotos expressam sua fé na confecção de ex-votos e como se estabelece a relação de troca entre devotos e divindades, identificando como essas almas milagrosas permanecem vivas na memória dos fiéis campomaiorenses até a atualidade. A metodologia adotada foi a etnografia, além da realização de entrevistas com devotos e a análise de iconografias dos ex-votos.

### **O contexto e a histórica da Batalha do Jenipapo: Facções versus Canhões**

Pertencente ao âmbito historiográfico piauiense, o movimento conhecido como Batalha do Jenipapo, ocorrido nas proximidades da vila de Campo Maior em março de 1823, é lembrado por historiadores piauienses como Pe. Joaquim Chaves (1993), Odilon Nunes (2007), entre outros pesquisadores da historiografia regional, como um movimento sangrento e decisivo para a consolidação da Independência de 1822 no Piauí.

Nesse episódio, campomaiorenses, em sua maioria pessoas humildes, teriam enfrentado as tropas do Comandante das Armas da Província do Piauí, o português João José da Cunha Fidié. Nessa luta foi derramado o sangue de vaqueiros, trabalhadores rurais e pessoas sem nenhum preparo para a guerra que “atendendo ao pedido do Cap. Luís Rodrigues Chaves” (Chaves, 1993: 13) alistaram-se para ir a luta contra as forças de Fidié.

Aliados a alguns cearenses, os residentes de Campo Maior saíram para o combate na manhã de 13 de março às margens do rio Jenipapo<sup>4</sup>, com o objetivo de barrar as tropas portuguesas comandadas por Fidié. As armas de combate não eram as mais apropriadas para a guerra, sendo compostas, em sua maioria, por velhas espadas, facões, machados e foices. Mesmo desprovidos de armamentos capazes de vencer uma batalha, além da falta de habilidade para a guerra “iam com a certeza do triunfo. Ninguém pensava na possibilidade de morrer” (Chaves, 1993: 14). Por essa atitude, são vistos por alguns historiadores, especialmente Abdias Neves (2006), como patrióticos, porém somente uma pesquisa mais ampla poderá comprovar tal afirmação. Afinal, o que faria pessoas simples sem nenhuma habilidade bélica partirem para a luta contra tropas portuguesas<sup>5</sup> detentoras de armas muito mais poderosas que as suas?

Vendo esse cenário hoje, é perceptível que a derrota era iminente, e é sobre esse ponto que se apoia nossa análise. A morte sangrenta e dolorosa desses sujeitos, em luta pela libertação do Brasil do domínio português, a “loucura patriótica” que é atribuída aos combatentes, é que os sacraliza como heróis e milagrosos.

As baixas do lado brasileiro foram maiores, ainda que não se saiba o número exato de mortos, nem de lusitanos, nem de brasileiros. Sabe-se que para os primeiros as perdas foram menores, porém diante de todo esse alvoroço os nativos souberam tirar

proveito, roubando “a maior parte da sua bagagem de guerra, [...] deixando-o (Fidié) sem munição” (Chaves, 1993: 15). “Para Fidié, uma vitória com sabor de derrota. [...] a tragédia do Jenipapo demonstrava a determinação dos brasileiros em lutar pela independência, mesmo que de forma desorganizada à custa da própria vida” (GOMES, 2010: 191). Refugiado no Maranhão, o mesmo não via mais como resistir às forças pró-independência e rendeu-se, mais tarde voltando para Portugal.

Hoje, celebrada como um marco da consolidação da proclamação de 1822, a Batalha do Jenipapo é lembrada como “o maior e mais renhido choque armado nas lutas pela independência e bem merece, pelas circunstâncias em que se desenrolou ser comemorado como a batalha máxima daquele período da história nacional”. (NUNES, 2007: 68). Atualmente a Batalha do Jenipapo está em busca de reconhecimento nacional, campanha pela qual estão empenhados políticos e historiadores piauienses.

### **Ex-Votos do Batalhão: a retribuição popular às almas por pedidos atendidos**

Ainda que quase sempre sejam executados de maneira tosca, os ex-votos [...] contém uma evidente dimensão artística, no entanto, antes de mais nada, eles resultam da experiência religiosa dos fiéis. São oferecidos para retribuir uma dádiva de Deus, concedida, em geral, por meio de algum intermediário especial. Servem, portanto, para agradecer um fato que surpreendeu o fluxo natural da vida. (NEVES, 2009: 18).

Elementos de cunho religioso e portadores de uma variada conotação simbólica<sup>6</sup>, os ex-votos, “contam sempre uma história particular de um indivíduo ou grupo. [...] Sua difusão ocorreu após o concílio de Trento (1545-1563), que serviu de base para o esforço da Igreja Católica destinado a conter o avanço protestante” (Neves, 2009: 18-19). Atualmente encontrados por todo o Brasil, são marcas deixadas em santuários, cemitérios, cruzeiros ou nos mais diversos locais de devoção. Cascudo, em uma consideração sobre ex-votos, afirmou:

O ex-voto é uma voz informadora da cultura coletiva, no tempo e no espaço, tão legítima e preciosa como uma parafernália arqueológica. [...] É um dos mais impressionantes e autênticos documentos da mentalidade popular, [...]. São sempre contemporâneos, verdadeiros e fiéis. [...] Com as promessas comprovadoras do imediatismo do milagre, retiradas do uso individual, roupas, muletas, carrinhos, aparelhos ortopédicos; da representação material dos membros vulnerados, ocorre a série variada e rica nessas figurações de intenção anatômica em madeira, que foram as mais velhas, barro, metal e cera.

Como não existem, tirando as feitas em metal e cera, fábricas de ex-votos, as peças em madeira e barro são de impressionante verismo indicador, não apenas da enfermidade, mas, na coleção de cabeças, do tipo antropológico responsável pela dádiva (Casculo 1974, *apud* Lóssio, 2004: 03).

Definidos por Casculo como elementos verdadeiros, que mesmo feitos de “forma mal acabada” atestam a legítima gênese da fé dos que acreditam receber milagres, as representações, sejam materiais ou físicas de pessoas, englobam um arcabouço de aspectos característicos da cultura popular e carregam em si uma gama variada de símbolos.

Para Durkheim (1996), os símbolos são importantes, pois possuem forças reais necessárias para a compreensão do bom funcionamento da vida moral. Os símbolos parecem exercer grande importância na vida dos devotos e podem ser percebidos em vários aspectos ao longo da execução do ritual. Para Geertz (2008: 73), “é tão grande a dependência do homem com os sistemas simbólicos que estes seriam decisivos para sua existência como criaturas”.

A promessa que leva o devoto a invocar as almas é o que move essa corrente. Sendo assim, pode-se determinar que “a esperança, a fé, o desespero, a aflição, a promessa, a aliança com o divino” é caracterizado como o voto, já “o alívio, a resposta, a celebração do pacto, o milagre alcançado - o Ex-Voto” (Acge, 2000: 223).

No contexto religioso popular, a maneira como é constituída a promessa pode se caracterizar como “um pacto que obriga os dois lados a alguma ação positiva no sentido de resolver o problema apresentado” (DaMatta, 1986: 75). Para alcançar o que desejam, ou seja, a salvação/cura imediata, os fiéis encontraram uma forma de fazer por merecer o milagre: a promessa. Esta é feita como uma forma de “pressionar” a divindade a atender ao pedido.

Após o recebimento do milagre, chega a vez do devoto retribuir a graça recebida. Essas relações de trocas são definidas por Mauss (1974), onde se estabelece uma analogia entre as relações de trocas de dádivas e a obrigação de dar e receber. Mauss define essas relações como “*sistemas de prestações totais*”, sendo uma dessas formas de prestação o *potlatch*, ou seja, um direito econômico onde se pode identificar que “o mais importante, entre esses mecanismos espirituais, é evidentemente o que se obriga a

retribuir o presente recebido” (Mauss, 1974: 48). Nesse sistema, dois elementos principais foram identificados: a honra do *mana* que é conferido a alguém, e a obrigação que este beneficiado tem de retribuir sob penalidade de perder esse *mana*, podendo essa obrigação de retribuir tornar-se permanente e obrigatória.

Buscando essa interlocução dos ex-votos com a historiografia, é possível percebermos nesses objetos símbolos tangíveis que, depositados no Cruzeiro do Cemitério do Batalhão, acabam nos levando a entender essa manifestação como um “lugar de memória”. Pierre Nora caracteriza os lugares de memória como sendo “antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; [...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos”. (Nora, 1993: 12-13). O autor ainda afirma que os lugares de memória constituem “um jogo da memória e da história” conduzindo a um elemento político que é a “vontade de memória”, “intenção de memória” (Nora, 1993: 22).

Essa vontade de memória citada pelo autor é o que move os devotos a procurarem a interseção das almas dos combatentes do Jenipapo, ainda vivos na memória coletiva dos campo-maiorenses que acreditam no poder de graça dessas almas. No pagamento das suas promessas em forma de ex-votos no Cruzeiro do cemitério, concretiza-se um lugar de memória.

Para muitos, o fato político expresso na batalha pode não estar explícito no seu consciente, mas para o inconsciente dessas pessoas esses mortos foram heróis porque morreram de forma desvantajosa sem a piedade do inimigo, indo para o céu onde, agraciadas com o galardão do Senhor, podem ajudar os que aqui estão a resolver suas aflições, operando milagres.

Os ex-votos do Cemitério do Batalhão se encontram na sua totalidade amontoados nos pés do Cruzeiro do cemitério (Fig. 01), onde também está o obelisco construído no século passado para demarcar o local onde se encontram os restos mortais desses heróis. Essa prática de devoção parece não ser recente, haja vista figurarem já nessa imagem do século passado<sup>7</sup>, em que aparecem objetos que podem ser identificados no Cruzeiro do cemitério como ex-votos.





Figura. 01. Cruzeiro do Cemitério do Batalhão (século XX)  
Fonte: Professor Assis Lima

É possível perceber, na figura 01, pouco acima ao pé da cruz, um suporte que acomoda vários ex-votos, sinalizando que a atribuição de milagres às Almas do Batalhão não é contemporânea. Registros do Jornal *A Luta* de 13 de março de 1973 também oferecem pistas dessas práticas promesseiras para as Almas do Batalhão.

Inúmeras são as pessoas que, não só no dia 13 de março como em qualquer época do ano procuram os mortos do Jenipapo com o fim de fazerem promessas para alcançarem graças. A base do Vetusto Cruzeiro do Cemitério do Batalhão já ardeu muitas vezes nas chamas de velas que são acesas ali pelos que cumprem promessas pela obtenção de benefícios de toda espécie, o que não deixa de ser simples superstição. (Jornal *A Luta*, 1973 *apud* Lima, 2009 : 87).

Diante disso, percebemos que há muito tempo são atribuídas graças a essas almas, e sendo as mesmas consagradas como bem aventuradas, é visível que a sua veneração carrega cada vez mais pessoas que buscam reduto e uma solução para seus problemas.

Através de entrevistas com alguns devotos pudemos perceber de forma mais concreta como é estabelecida essa relação de fé e devoção entre eles e as almas divinizadas. Dona Rosa Maria<sup>8</sup>, fiel das almas milagrosas, relata que sua devoção às

Almas do Batalhão vem de muito tempo, e sempre que deposita a sua fé nas almas é atendida:

Minha primeira filha tinha muito problema com asma, tinha umas crise séria e eu não sabia mais o que fazer. Aí fiz promessa às Almas do Batalhão que se minha filha ficasse boa eu acendia uma caixa de vela pras almas. E graças a Deus fui atendida. Minha filha ficou boa e nunca mais teve nenhuma crise. As almas são milagrosa mesmo. Acredito demais nelas e sempre rezo pra elas nas minhas oração pedindo e agradeceno as graças que elas já me dero. (Lopes, 2011).

É visível na fala dos promesseiros a fé que é depositada nas Almas do Batalhão, e segundo os devotos não resta dúvida de que as almas são mesmo milagrosas. Dona Rosa também deixou claro em seu depoimento que esse não foi o único milagre que recebeu dessas almas, afirmando que foi atendida nas outras vezes que buscou a intercessão das mesmas. Um dado que também pode ser observado, sempre percebido nos relatos, é que as almas não são os únicos seres sobrenaturais invocados nas promessas; elas são como mensageiras, uma espécie de advogadas.

Eu sempre peço primeiro a Deus, a Nossa Senhora e Jesus Cristo, depois eu peço em nome das Almas do Batalhão, tenho muita fé também no São Francisco do Canindé. Porque tem que pedir primeiro a Deus porque se não for a liberação dele que é o maior de todos as almas não faz milagre. Elas só são milagrosa porque Deus quer. Então tem que colocar ele na frente de tudo. (Lopes, 2011).

A relação que se estabelece entre as almas e o devoto é bem clara nesse contexto, pois as almas agem como intercessoras entre o devoto e Deus. É como se elas tivessem a função de agilizar o milagre que se deseja alcançar, não tirando também o seu mérito milagreiro.

Deus já tem muita coisa pra dá conta (risos) aí ele demora escutar a gente. As almas tão lá mais perto dele e podem interceder junto de Nossa Senhora que é mãe de Deus. Aí o milagre acontece mais ligeiro. Deus escuta a gente também, mas as vezes demora muito. As almas são mais interessada em resolver os problema da gente. (Lopes, 2011).

Os pedidos feitos às almas do Batalhão são os mais diversificados possíveis. Pela coleta de depoimentos, percebemos que podem ser orientados para uma cura de doença, encontrar o animal perdido, pagar dívidas, passar no vestibular etc.

Meu filho fez o vestibular duas vezes e não passava. Não sei por quê. É um menino tão estudioso, interessado, [...] não vendo mais outra

solução me apeguei com as Almas do Monumento e num instante ele passou na prova. Agora tá estudando enfermagem. Prometi que se ele passasse pra enfermagem ia acender 10 maços de vela ia deixar no Cruzeiro do Batalhão a primeira roupa que ele usasse pra trabalhar, além de prometer que ele sempre ia cuidar de alguém doente quando estivesse precisando principalmente os mais pobres (França, 2011).

É perceptível a partir desse depoimento que a relação dos devotos com as almas também é feita através de terceiros. No ato em que a mãe faz uma promessa pelo filho ela se compromete com o cumprimento da retribuição, que em parte assiste a ele executar. A solidariedade também é sentida nesse depoimento, no tocante em que Dona Rosário promete que seu filho irá ajudar os mais necessitados quando estiverem doentes. Aqui, fica evidente mais um ponto relevante dos fazedores de promessa: não querer a graça apenas pra si, compartilhar a bem aventurança alcançada sempre que possível.

O senhor Antonio Luís, 64 anos, fazendeiro do município de Campo Maior, também fez promessa às Almas do Jenipapo. Necessitando de um bom vaqueiro para uma de suas fazendas na região de Campo Maior, solicitou a intervenção das almas e foi atendido. Prometeu fazer uma vaca de madeira e deixá-la no Cemitério do Jenipapo, e assim fez. Afirma hoje: “As almas são milagrosas mesmo, não tinha um vaqueiro que eu arrumasse aqui pra fazenda que desse certo, depois da promessa tô com aqui já faz cinco anos é tá dando certo” (França, 2011).

As relações de pedido e retribuição às Almas do Jenipapo que se efetiva na confecção de ex-votos é um elemento importante de manutenção da memória tanto da Batalha do Jenipapo como da memória religiosa e social do povo campomaiorense. No contexto que envolve a construção e o sentido dessa memória religiosa, podemos perceber a importância da tradição oral para a transmissão dessa devoção. São narrações de milagres que mantêm viva a história dos “heróis do jenipapo”.

Nesse sentido, a análise dessas narrativas a partir da perspectiva da história oral se torna importante por “possibilitar novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores” (Thompson, 1992: 18). Além disso, essas narrações de fé e devoção transmitidas de uma geração para outra têm a função de “esclarecer trajetórias individuais, eventos e processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma. [...] são histórias de movimentos sociais populares de lutas cotidianas de lutas encobertas ou esquecidas” (Ferreira e Amado (Orgs.), 2006: XIV).

Importante ressaltar que à transmissão da memória de geração em geração vai sendo agregada a obtenção de novos milagres realizados pelas almas do Jenipapo, atestando cada vez mais sua eficiência em atender aos pedidos dos fiéis, fortalecendo tal devoção. Segundo seu Zé Chico, senhor de 73 anos e devoto das almas do Jenipapo,

Já ouvi falar de muita gente que foi fazer promessa das almas do bataião porque escutou dizer dos outros que tinha sido curado de uma coisa, resolvido um problema fazendo promessa pras almas. Ai fez promessa também e depois que foi atendido teve que ir lá pagar. Aqui em casa a minha muié já pagou promessa lá também. (Silva, 2015).

Nesse depoimento percebemos a importância da oralidade e da realização de milagres pelas almas para a continuidade da devoção pela sua transmissão ao longo das gerações, assim como da preservação da memória, criando um sentimento de pertencimento a um grupo, o grupo de devotos e agraciados pelas bênçãos das almas. Isso cria o que Pollak afirmou ser o sentimento de identidade que se revela de forma mais estreita quando se trata da memória herdada e “que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si” (Pollak, 1992: 204).

Essa ideia de continuidade pode ser percebida no depoimento de dona Reijane Santos, de 53 anos, que afirma ter aprendido a fazer promessa para as almas do batalhão com sua mãe, ainda criança. “Desde pequena que eu ouvia a minha mãe falar dos poderes das almas do Jenipapo, que são muito milagrosas, aí cresci tendo fé nelas também. Já fiz vários pedidos e graças a Deus sempre fui atendida” (Costa, 2015).

Com isso, percebemos que essa realidade se articula ainda mais com as concepções de Pollak (1992: 204) ao afirmar que “a memória é em parte herdada” sendo, portanto um fenômeno que é construído no contexto em que é vivida. O devoto de hoje pode não ser igual ao de ontem. As promessas podem ter novos significados e sentidos, daí a importância de buscar essas memórias das gerações passadas, memórias que mesmo sendo um “fenômeno construído” (Pollak, 1992) dentro de um contexto, seja de forma individual ou coletiva, servem para identificar a relação que o sujeito possui com a divindade, sua visão de vida e de mundo e como se relaciona com a sociedade em que está inserido, caracterizando o território em que vive.

As entrevistas com os devotos foram realizadas nos anos de 2011 e 2015 na zona rural do município de Campo Maior, nas residências de cada entrevistado, em ambiente calmo e longe de interferências, buscando encontrar melhores impressões sobre o modo como os mesmos expressam a sua fé às Almas do Jenipapo. Todos afirmaram ser católicos e possuem pouco grau de instrução, além de estarem incluídos em uma faixa etária entre 50 e 70 anos, sendo perceptível que na maioria dos casos as pessoas que recorrem a essas promessas possuem idade um pouco avançada. Entretanto, essas devoções não são exclusivas das “pessoas mais velhas”, pois as gerações mais recentes também dão prosseguimento a essa devoção.

Independentemente da classe social, o que leva pessoas de várias regiões de Campo Maior a buscar as almas do Batalhão é a fé, que pode ser despertada a qualquer momento, principalmente quando se deseja concretizar algo que necessita de intervenção do sobrenatural.

Dentre as várias maneiras de se pagar uma promessa encontram-se os ex-votos, nosso objeto de análise dentro desta perspectiva. Depois de percebermos a execução dos votos pelas Almas do Batalhão e a comprovação pelos promesseiros desses milagres alcançados, buscamos perceber como se dá a retribuição dessas graças. Segundo Frade, “promessa, milagres, voto e ex-voto são testemunhas de dons trocados entre homens e deuses, no plano da organização religiosa. Por meio da ação corporal e/ou oferta material, o devoto agradece à entidade sagrada que o ocorreu em momento de aflição, o benefício recebido” (Frade, 2006: 25).

Alceu Maynard Araujo (1967) caracteriza os ex-votos em cinco categorias: os antropomorfos, que representam o corpo humano (madeira, fotografia, esculturas, desenhos); os zoomorfos, que representam animais; os simples, como uma fita na medida de uma parte do corpo; os especiais ou de valor, com objetos ou animais; e os ex-votos imateriais como terços e danças.

No monumento, é possível encontramos ex-votos que se enquadram em quase todas as categorias defendidas por Araujo (1967). Os mais conhecidos são: mãos, braços, seios, pés, cabeças, pernas e até corpos inteiros confeccionados, além de bonecas, cadernos, avaliações, garrafas de água, carros de brinquedo e colares.





Figura 02. Vista geral do cruzeiro onde são deixados os ex-votos<sup>9</sup>  
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Figura 03. Cadernos amontoados aos pés do com Cruzeiro do cemitério.  
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Figura 04. Braços pendurados no Cruzeiro juntamente colares e terços.  
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Figura 05. Cabeças, mão e pé amontoados aos pés do Cruzeiro  
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Na visualização das figuras percebemos os tipos de ex-votos que são deixados no cemitério do Jenipapo. Na sequência de imagens e pela observação de campo observamos que além de materiais já fabricados como uma boneca de plástico, um carro de brinquedo, e cadernos usados, os ex-votos do Monumento ainda têm em sua maioria imagens de representações físicas do corpo como cabeça, mão, pé coração, seios, perna, entre outros, com relação ao material com que são confeccionados, além da tradicional madeira, também se encontram peças feitas em argila assada.

Essa percepção vai ao encontro das afirmações de Benjamim (2002). Segundo o autor, os ex-votos enquanto oferta de retribuição apresentam modos de construção da subjetividade dos devotos, uma vez que o objeto é produzido de acordo com características determinadas pela sua particularidade, estando diretamente relacionado ao seu sofrimento e do milagre recebido.

É importante perceber que a promessa realizada em caráter particular entre divindade e devoto, ganha um sentido que vai além dos meandros da vida particular da

pessoa no momento do pagamento da promessa através do ex-voto. Segundo Oliveira (2003), o ex-voto tem sua exposição pública com a intenção de confirmar a efetividade do santo. Benjamim (2002), complementa essa ideia afirmando que os mesmos se destinam publicamente como uma maneira de divulgar o recebimento do milagre e da graça pedida. É nesse contexto que chegamos às considerações de Frade (2006). Segundo este autor, o ex-voto une história pessoal do devoto e o grupo social em que o mesmo está inserido com testemunho público da sua graça, afirmando seu compromisso com o concessor do milagre.

A quantidade de cera derretida que existe ao pé do cruzeiro e do obelisco também denotam aspectos das promessas feitas às almas: a promessa de acender velas, que agrega mais um caractere a essa devoção. Importante percebermos que em vez de acender as velas nas covas onde supostamente estariam sepultados os corpos que lutaram na Batalha, elas são quase em sua totalidade deixadas no obelisco ou no cruzeiro, talvez por tradição católica ou também por não se saber, como já foi exposto neste trabalho, onde é o local exato em que cada corpo foi sepultado.

Maior seria a riqueza de informações adquiridas se todos esses ex-votos encontrados atualmente no cemitério fossem “rastreados” e chegássemos ao seu devoto, pois em muitos casos é impossível identificar, pela peça, que tipo exato de cura foi executada pelas Almas do Batalhão. Na maioria dos casos, apenas se pode supor a natureza do milagre.

### **Considerações finais**

De modo geral, buscamos aqui verificar um dos vários elementos de análise que se pode conhecer sobre a Batalha do Jenipapo: os ex-votos. Para isso fizemos uso de uma revisão bibliográfica sobre o ocorrido, para efeito de contextualização, até chegamos ao nosso objeto de análise. Na concretização da pesquisa, além de depoimentos dos fiéis, foram utilizadas imagens para exemplificar as práticas de devoção às Almas do Batalhão.

Há um discurso muito enraizado sobre a veracidade dos milagres operados pelas Almas do Batalhão – estas são percebidas como merecedoras de um lugar ao lado de Deus, por terem sido vítimas de uma morte dolorosa, e, agraciadas pela estadia no céu ao lado do Senhor, podem ajudar a amenizar os sofrimentos dos que estão vivos.

Pela análise dos depoimentos, podemos afirmar que a fé nas almas é



incondicional e que fazer uma promessa a elas é garantia de ter o voto atendido. A relação de troca entre alma (milagrosa) e promesseiro (necessitado) é bem característica de uma relação contratual, onde cada um cumpre com a sua obrigação no acordo. A promessa obriga a alma a operar o milagre e o pedinte, ao receber a graça, sente-se também na obrigação de retribuir o milagre com o que foi pedido.

Os ex-votos de madeira, barro (principalmente os anatômicos) e de várias outras naturezas que são encontrados no cemitério dão conta dessa prática de devoção e realização de promessa às almas. Se eles estão lá é porque o milagre aconteceu, e se o milagre aconteceu é porque as almas são milagrosas!

Mais do que perceber esse fato histórico, os aspectos simbólicos que povoam o imaginário do campomaioense sobre a Batalha do Jenipapo, como sujeito de múltiplas interpretações, são concretizados em parte nesses ex-votos, re-significando o sentido dos heróis da Batalha do Jenipapo. Heróis em vida e heróis após a morte, que permanecem vivos na memória realizando libertações, agora não da antiga dominação portuguesa, mas de doenças/males e de diversos empecilhos que aparecem na vida do campomaioense.

#### Notas

1. Para Santo Agostinho, a alma tem uma natureza própria e possui substância espiritual e por isso é invisível. Na Idade Média era comum a atribuição do corpo como um local de defeitos e pecados, enquanto a alma era recinto de valores supremos como a espiritualidade e racionalidade. (CASTRO, 2006).
2. Localizada a 84 km de Teresina, situa-se na Mesorregião Centro-Norte Piauiense e na Microrregião Campo Maior. Segundo o Censo 2010, possui população total de 45.177 (IBGE, 2010).
3. Inaugurado no ano de 1970, durante a administração do governador piauiense Alberto Silva e do presidente Militar Médici, o Monumento aos Heróis do Jenipapo tem grande importância para manter viva a lembrança dos combatentes do Jenipapo, mantendo presente e preservada essa memória que deve ser cada vez mais valorizada e conhecida pelos brasileiros pela importância que a mesma teve para a consolidação da Independência do Brasil.
4. Rio que corta o solo campomaioense, foi palco para a Batalha do Jenipapo. Os nativos usaram o mesmo como um ponto estratégico para efetivar o encontro com a tropa de Fidié, porém por falta de planejamento acabaram ficando em desvantagem, o que favoreceu muitas mortes do lado brasileiro.
5. O comandante das Armas José da Cunha Fidié até mesmo já havia lutando contra tropas de Napoleão Bonaparte antes de ser enviado para defender os interesses de D. João VI.
6. Rubem Alves define o símbolo como um discurso atribuído pelo homem a coisas ou gestos, dando-os marcas sagradas, batizando-os como tais. Afirma ele que “Com esses símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo com seu auxílio uma abóbada

sagrada com que recobrem o mundo [...]. Com o símbolo sagrado o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos. E assim coisas inertes [...] passam a ser sinais visíveis desta teia invisível se significações” (ALVES, 2010, p. 25-26).

7. Não foi possível definir uma data precisa para a imagem. Pelos aspectos imagéticos representados e suas condições, visíveis na imagem do local, trata-se de uma fotografia de meados do século XX. Deve-se ter o cuidado de perceber que não se tratava de uma fotografia envelhecida.
8. Optamos por transcrever o depoimento de todos os entrevistados da forma como os mesmos pronunciavam as palavras na linguagem falada, sem preocupação com a norma escrita.
9. Ao fundo do Cruzeiro pode-se perceber algumas sepulturas, onde supostamente estariam enterrados os “Heróis da Batalha”. Nos depoimentos colhidos, seu Antonio Luís afirma que aquelas são só “rumas” de pedras colocadas pra simbolizar os túmulos e que o local exato de onde os mortos da batalha foram enterrados não se sabe. “Dizem que enterraram muitos de uma vez só numas valas e que foi por aquela região onde hoje é o cemitério” (PAZ, 2011).

### Referencias Bibliográficas

ACHE, Cezar. Ex-voto. In: AGUIAR, Nelson. (org.) **Mostra do descobrimento: arte popular I Fundação Bienal de São Paulo**. São Paulo: Associação Brasil 500 anos, 2000.

ALVES, Ruben. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ARAUJO, Alceu Maynard. **Folclore nacional III**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

BENJAMIN, Roberto. **Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa**. Trabalho apresentado no VI Congresso Latino-americano de Ciências da Comunicação. Ciência, Filosofia e Religião, 2002.

DaMATTa, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CASCUDO, Câmara, 1976 apud LÓSSIO, Rúbia, VAINSENER Semira Adler. **Santos não-canônicos: presença da cultura popular nos mercados públicos de Recife / Pernambuco – Brasil**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/santostextos.pd>. Acesso 25 de setembro de 2011.

[CASTRO, Maria da Graça de](#), et. al. Conceito mente e corpo através da História. **Psicol. estud.** [online]. 2006, vol.11, n.1, pp. 39-43.

CHAVES, Monsenhor Joaquim. Campo Maior e a independência. In: **Cadernos Históricos**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FRADE, C. **Santo de casa faz milagre: a devoção a Santa Perna**. São José dos Campos, SP: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, Centro de Estudos da Cultura Popular, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Laurentino. **1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LIMA, Francisco de Assis. **A Batalha: o reconhecimento**. Campo Maior: Edição do autor, 2009.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo. EPU, 1974

NEVES, Guilherme Pereira das. Milagres do cotidiano. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 4. n° 41. Rio de Janeiro, fev. 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí**. Vol 2. Teresina: FUNDAPI, 2007.

OLIVEIRA, Marcelo. João. Soares. de. O símbolo e o ex-voto em Canindé. **Revista de Estudos da Religião**, 3, 99-107, 2003.

POLLACK, Michel. Memória e identidade Social. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. Vértice, n° 10, pp. 200-215, 1992.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

### Depoimentos

FRANÇA, Maria do Rosário de Aquino. **Maria do Rosário de Aquino França**. [2011] Entrevista concedida a Márcio Douglas de Carvalho e Silva, Setembro de 2011.

LOPES, Rosa Maria da Silva. **Rosa Maria da Silva Lopes**. [2011] Entrevista concedida a Márcio Douglas de Carvalho e Silva, Setembro de 2011.

PAZ, Antonio Luís de Araújo. **Antonio Luís de Araújo Paz.** [2011] Entrevista concedida a Márcio Douglas de Carvalho e Silva, Setembro de 2011.

SANTOS, Reinaje da Costa Matos. **Reinaje da Costa Matos Santos** [2015] Entrevista concedida a Márcio Douglas de Carvalho e Silva Dezembro de 2015.

SILVA, José Francisco de Oliveira e. **José Francisco de Oliveira e Silva** [2015] Entrevista concedida a Márcio Douglas de Carvalho e Silva Dezembro de 2015.